
Filosofia da Educação e Fenomenologia: algumas contribuições para o entendimento do ensino de Jornalismo¹

Catarine Moscato Sturza²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Este artigo apresenta alguns possíveis caminhos epistemológicos para se pensar o ensino de jornalismo e a atividade jornalística no Brasil. Para isto, explora o fenômeno “ensino de jornalismo” a partir de um resgate histórico-filosófico e de contribuições da Filosofia da Educação, da Fenomenologia e da Hermenêutica, como campos da Filosofia. São exploradas novas possibilidades para se re-pensar a educação superior no país a partir de apontamentos de autores como Husserl e Heidegger. Entende-se assim que a filosofia da educação é importante por entender a educação como transmissão do conhecimento e da educação crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Educação; Jornalismo

Introdução

O jornalista é o profissional responsável por disponibilizar para a sociedade informação ética, de qualidade e democrática, que atenda ao interesse público. Para o melhor desenvolvimento desta prática é necessário uma formação que atenda aspectos filosóficos, teóricos, culturais e técnicos. Porém, a profissão não tem recebido a devida importância. O desconhecimento da função social do jornalismo impede que a profissão se estabeleça como prática social, e essa problemática interfere diretamente no ensino superior.

Para refletir sobre o fenômeno “ensino de jornalismo” é preciso tomar uma postura fenomenológica, ou seja, ir além dele, entender, primeiramente, os principais conceitos voltados à área, como: “educação”, “ensino”, “conhecimento”, entre outros. Um dos campos mais importantes para esse embasamento é a filosofia, e nela, o estudo da filosofia

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Mestre em Comunicação pela UFMS, onde participa do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo (Ciberjor).

da educação - campo que se preocupa com as relações entre o fenômeno educativo e o funcionamento da sociedade, e a fenomenologia, a ciência dos fenômenos.

Entende-se que analisar o jornalismo como forma de conhecimento é o ponto-chave para os debates epistemológicos. Com isso, o objetivo deste artigo é fazer uma investigação filosófica da educação levantando algumas contribuições ao pensamento educacional.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira parte são apresentados aspectos que intervêm no status do jornalismo como profissão e em sua definição epistemológica. Na parte 2 apontam-se as perspectivas da Filosofia da Educação e da Fenomenologia. São levantadas ideias de alguns autores que se preocupam com a essência do ser, como Husserl e Heidegger, apontamentos que contribuem com novas perspectivas para se repensar a educação. Por fim apresentamos as contribuições dos campos da Filosofia da Educação e da Fenomenologia para o ensino de Jornalismo.

Jornalismo: o problema da definição e formação universitária

A era da comunicação digital tornou a comunicação mais complexa e comporta uma diversidade de profissionais que tratam as múltiplas faces da informação desde a sua origem até o receptor. Assim, comunicar não é tarefa simples e implica, entre outras coisas, no conhecimento das formas de apropriação da mensagem. A comunicação, como um processo complexo, assim caracterizado por Wolton (2006, p. 19):

Hoje em dia todo mundo vê tudo ou quase tudo, mas percebe-se ao mesmo tempo, que não compreende melhor o que acontece. A visibilidade do mundo não basta para torná-lo mais compreensível. Mesmo onipresente, a informação não pode explicar um mundo percebido como mais complexo, mais perigoso, menos controlável e em que as diferenças culturais e religiosas se exacerbam.

Entre esses diversos profissionais, o jornalista também faz comunicação, mas depara-se com uma questão imposta: jornalismo é ocupação ou profissão? O jornalismo mais do que modelar o conhecimento das pessoas tem função importante na construção da realidade. O jornalismo exerce um papel único na sociedade atual, o de ajudar os indivíduos a compreender a realidade ao seu redor. Para Berger e Luckman (2011), a realidade da vida cotidiana é apreendida num mundo de tipificações, ou seja, na qual o

indivíduo torna comum uma conduta. Nas interações cotidianas e nos meios de comunicação são onde os indivíduos encontram suas bases para a construção de sua identidade.

O desconhecimento da função social do jornalismo impede que a profissão se estabeleça como prática social. Nelson Traquina defende três questões básicas para estudos do jornalismo que são: “Qual o papel dos jornalistas na produção de notícias? Por que as notícias são como são? Afinal, qual o papel do jornalismo na sociedade?” (TRAQUINA, 2005, p. 145).

Para o professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Eduardo Meditsch (1997, p. 8), o Jornalismo opera no campo lógico do senso comum e por isso é uma forma de conhecimento. Diferente da ciência os resultados do jornalismo operam na consciência das pessoas que recebem as informações.

Enquanto a ciência, abstraindo um aspecto de diferentes fatos, procura estabelecer as leis que regem as relações entre eles, o Jornalismo, como modo de conhecimento, tem a sua força na revelação do fato mesmo, em sua singularidade, incluindo os aspectos forçosamente desprezados pelo modo de conhecimento das diversas ciências.

Conforme Ribeiro (1994), o jornalismo de mercado, instituído pela influência do capitalismo na comunicação, trouxe à tona uma crise de identidade para o jornalista, que pode ser vista a partir de um duplo discurso. As falas humanista e tecnológico-metodológica estão sintetizadas no quadro 01.

Quadro 01 – Caracterização da fase tradicional e moderna na identidade profissional

	Discurso Humanista: fase tradicional / ideológica	Discurso tecnológico- metodológico: fase moderna
Caráter do discurso sobre o produto jornalístico	Cultural	Industrial
Status do jornalista junto à empresa	Liberal	Disciplina
Relação com os padrões	Confiança	Competência
Percepção do jornalismo no imaginário popular	Jornalista como herói	Jornalista como operário
Status do jornalista frente à sociedade	Jornalista como uma figura pública	Anonimato

Fonte: Ribeiro (1994).

A tabela acima evidencia a discussão entre o tradicional e o tecnológico moderno, fenômeno também presenciado nas demais áreas e não somente no jornalismo. O advento da mídia multiplicou as atividades jornalísticas contribuindo para uma diferenciação de funções descaracterizando cada vez mais a unidade.

A crise de identidade da própria sociedade e dos indivíduos também chegou às profissões e exige, urgentemente, o discernimento, conhecimento e capacidade para o bom desempenho tanto dos papéis individuais e coletivos como profissionais, no caso do jornalista. De certo modo é o que assegura Max Weber (1995. p. 01):

O jornalista pertence a uma espécie de casta de párias, que é sempre estimada pela sociedade' em termos de seu representante eticamente mais baixo. Daí as estranhas noções sobre o jornalista e seu trabalho. Nem todos compreendem que a realização jornalística exige pelo menos tanto 'gênio' quanto a realização erudita, especialmente devido à necessidade de produzir imediatamente, e de 'encomenda', devido à necessidade de ser eficiente, na verdade, em condições de produção totalmente diferentes.

Pesquisadores como Tunstall (1971) não acreditam no jornalismo como profissão. Para ele a atividade jornalística é uma semi-profissão por não encontrar no jornalismo atributos suficientes.

Essas discussões sobre o jornalismo mostram as dificuldades de sua definição epistemológica. Para muitos especialistas como Meditsch (2012) e Barreiros (2013) é inegável que o jornalismo é uma forma de conhecimento. E a falta de uma legitimação como uma atividade profissional acaba por influenciar o ensino na graduação. Discussões sobre o caráter epistemológico do jornalismo e sua importância à sociedade refletem em melhores definições, “prestígio do curso e mesmo na sua inserção no mundo da academia, tendo peso, por exemplo, na visão que os organismos oficiais como a Capes e o CNPq têm do curso” (BARREIROS, 2013, p. 89-90).

O exposto até aqui reafirma a necessidade da formação acadêmica e tecnológica para o profissional do jornalismo, pois trata com a informação que, antes de ser vista como mercadoria, é conhecimento que deve ser distribuído no espaço social e não apropriado por uma pequena parcela da sociedade. Para Ortega e Humanes (2000 apud GOLZIO, 2009) não há dúvidas de que o debate sobre a formação em jornalismo está ligado à definição do jornalismo como profissão. Segundo os autores falta a existência de um corpo de conhecimento próprio do jornalismo. “*El mundo académico tampoco ha*

llegado a un acuerdo sobre los contenidos que deben enseñar-se para periodistas³
(ORTEGA e HUMANES apud GOLZIO, 2009, p. 107).

Como se vê até hoje, o curso de Jornalismo enfrenta alguns dilemas. A falta de uma definição epistemológica não é a única problemática que envolve a área, falta um equilíbrio entre a teoria e prática na academia. Para Barreiros (2013, p. 86), o jornalismo sempre oscilou entre as disciplinas humanistas e a prática. O autor entende que o jornalismo passa por “uma espécie de esquizofrenia: ora uma supervalorização da teoria, ora uma supervalorização da prática, muitas vezes numa relação de antagonismo (e não de complementaridade) entre teoria e prática”.

Estas transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas implicam em uma nova forma de pensar o jornalismo, e isso cabe aos pesquisadores e professores da área. Porém muitos ainda negam os ensinamentos teóricos, desconhecem a literatura e reproduzem o que acontece no mercado. “A miopia tecnicista (...) é uma doença comum entre os profissionais que se tornam professores de Jornalismo” (MEDITSCH, 2007, p.6).

É preciso re-pensar em que tipo de jornalismo deve ser ensinado nas instituições de todo o país. O estudante merece ter o melhor preparo para o mercado de trabalho com uma formação que contemple a multiplicidade dos aspectos filosóficos, teóricos, culturais e técnicos. Para pensar em uma melhor formação universitária é preciso buscar reflexões em outros campos, como na Filosofia, e assim, trazer alguns possíveis caminhos epistemológicos.

Filosofia: considerações sobre a Filosofia da Educação e a Fenomenologia

O campo da filosofia da educação estuda os processos e sistemas educativos, além de outros temas que envolvem a pedagogia. São discutidas questões como: o que é filosofia? O que é educação? O que é ensino? E a preocupação está nas relações entre o fenômeno educativo e o funcionamento da sociedade.

O campo da educação é de grande interesse filosófico, já que a profissão ensinar é sem dúvida uma das mais antigas do mundo. A grande problemática da filosofia da educação é a discussão entre a educação como transmissão do conhecimento e a educação crítica.

³ O mundo acadêmico ainda não chegou a um acordo sobre os conteúdos que devem ser ensinados para os jornalistas (tradução nossa).

Para Scheffler (1974, p. 13) “a filosofia busca uma perspectiva geral, sobre uma base racional”. A filosofia busca uma perspectiva além do alcance das ciências, analisando supostos e ideias além de suas restrições das matérias, já o debate da educação “não é apenas uma questão abstrata e intelectual, mas um campo de esforços práticos e de decisões igualmente práticas, no qual programas institucionais são propostos, criticados, justificados e rejeitados” (Ibidem, p. 17). Alguns dos principais autores da Filosofia da Educação são: Platão, Immanuel Kant, Jean Piaget, Michel Foucault e o brasileiro Paulo Freire.

Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.) foi o primeiro pensador da Grécia Antiga a fazer contribuições para a filosofia da educação. Muitos autores do século XX acreditam que Platão pode ser considerado o primeiro pedagogo do mundo. Segundo ele a educação deveria ser segregada, os mais aptos mereciam treinamento do Estado como forma de chegarem à classe dominante da sociedade - visão criticada por autores seguintes.

Immanuel Kant (1724 – 1804) foi professor durante toda a sua vida e sempre recorria à noção de ser humano para pensar a educação. Em sua obra *Sobre a Pedagogia* o autor afirmava “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 2002, p. 11). Segundo Kant, diferente dos outros animais, cuja finalidade da existência está pré-estabelecida pela natureza, o homem deve estabelecer por si mesmo o projeto de sua existência. Porém, ele não faz isso por conta própria, na prática, precisa da presença de outro para ensinar.

Jean Piaget (1896 - 1980) foi um dos grandes nomes da pedagogia do século XX. O autor inaugurou a corrente construtivista ao demonstrar que suas teorias ajudam o desenvolvimento do aluno. Conforme Piaget o aprendizado é construído pelo aluno e não passado de forma autoritária pelo professor, pensamento semelhante ao do brasileiro Paulo Freire.

O francês Michel Foucault (1926 - 1984) investigou o conceito de homem no qual se baseiam as ciências naturais e humanas, estudando a modernidade a partir de uma relação entre poder e conhecimento. Para ele o termo “moderno” nada mais é que uma invenção da “modernidade”. Suas contribuições à educação modelam um conceito de disciplina, algo definidor de modernidade, ou seja, um modo de controlar e domesticar os comportamentos. Rousseau aponta para uma crise nas instituições disciplinares, que segundo Toni (apud OLIVEIRA, 2012, p. 348) “em certos aspectos, estas estruturas já não dão mais conta de fazer efetivamente o controle e a formação do aluno”.

Uma nova crença no poder da educação veio do pernambucano Paulo Freire (1921 – 1927). Sua proposta de alfabetização de adultos, chamada *método Paulo Freire*, entendia primeiramente os modos de vida e trabalho, além da língua, de determinada comunidade para então começar o ensino que era comunitário e solidário. O método de Paulo Freire parte da ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. “De um lado e do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende” (BRANDÃO, 1990, p.22). A palavra método é utilizada por Paulo Freire como um processo, “como algo vivo que se faz e refaz enquanto se usa” (Ibidem, p. 15).

Freire (2002, p. 27) também tem uma postura crítica sobre o homem, o aprendizado e o conhecimento:

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e re-invenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o como de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido.

Fenomenologia

Nesta parte fazemos uso da Fenomenologia para melhor embasar o estudo do ensino de jornalismo, ou seja, tomamos uma postura fenomenológica na qual se olha sempre para o objeto sem pensar no seu sentido literal. É um modo de “Re-frescar o olhar”, olhar de fora para então entender o ensino (o fenômeno) como se fosse à primeira vez que estivesse vendo.

A palavra fenomenologia é a união de *phainomenon* (“o que se mostra” ou “o que se manifesta”) e *logos* (“discurso” ou “ciência”), ou seja, o estudo ou ciência do fenômeno. Fenômeno, aqui, é visto como a essência (“ideia” ou “sentido de um ser”).

Apesar do conceito de fenomenologia ter sido utilizado por vários autores desde 1700, foi o austríaco Edmund Husserl, que viveu de 1859 a 1938, quem o afirmou como movimento de pensamento de uma nova filosofia. Husserl (apud MOREIRA, 2002, p. 64) proferiu em sua aula inaugural em Friburgo:

[...] primeiro e mais primitivo conceito do fenômeno referia-se à limitada esfera das realidades sensorialmente dadas, através das quais a natureza é evidenciada no perceber. O conceito foi estendido [...] para incluir qualquer espécie de coisa sensorialmente entendida ou objetivada [...]. Inclui então todas as formas pelas quais as coisas são dadas à consciência. Viu-se, finalmente, (que o conceito) inclui todo o domínio da consciência com todas as formas de estar consciente de algo e todos os constituintes que podem ser iminentemente mostrados como pertencentes a eles. Que o conceito inclua todas as formas de estar consciente e algo quer dizer que ele inclui também qualquer espécie de sentimento, desejo e vontade, com seu comportamento.

Em suma, a investigação da fenomenologia está em como são os métodos, ou seja, na expressão “as coisas em si mesmas”. Entende-se assim que a fenomenologia é uma concepção de ciência e de filosofia, porque há um caminho para se atingir um conhecimento rigoroso. Para Husserl (1990, p. 46) o conceito “designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”.

Muitos autores, como Husserl, entendem a fenomenologia como “Filosofia primeira” ou “ciência dos começos”, porque só nela se pode verificar a primeira realização de uma ciência filosófica.

Outro grande filósofo que seguiu os preceitos de Husserl foi o alemão Martin Heidegger (1889-1976). Vindo de família humilde Heidegger se tornou um dos principais pensadores sobre Ontologia, Fenomenologia e Hermenêutica no mundo. A obra *Ser e Tempo*, lançada pela primeira vez em 1928, é uma das principais referências da Fenomenologia até hoje. Outras grandes contribuições estão em *Introdução à Metafísica* (1953), *Que Significa Pensar?* (1964), e *Fenomenologia e Teologia* (1970).

Heidegger seguia muito bem os passos do pai da Fenomenologia ao ponto do próprio Husserl afirmar “a Fenomenologia - somos eu e Heidegger” (SAFRANSKI, 2005, p. 14). Mas Heidegger foi à frente, o autor pensou a hermenêutica como a fenomenologia esclarecida, conceito que ao longo dos anos já recebeu vários significados. Atualmente hermenêutica é considerada uma dialética, uma compreensão e interpretação dos textos da obra humana.

Heidegger e Hans-Georg Gadamer são os dois grandes pensadores quanto à hermenêutica. Segundo o Dicionário de Filosofia de Cambridge (2005, p. 459), “a hermenêutica do século XX desenvolvida por Heidegger e Gadamer radicaliza essa noção

do círculo hermenêutico, considerando-o uma característica de todo conhecimento e atividade. Assim, a hermenêutica não é mais o método das ciências humanas, mas ‘universal’, e a interpretação faz parte do caráter finito e situado de todo conhecimento humano”.

No sentido mais amplo, hermenêutica quer dizer interpretação e o círculo hermenêutico é uma dialética esclarecida. Segundo Heidegger (Ibidem, p. 207) “toda interpretação se inicia com algo que já é ou que já se apresenta como previamente dado na concepção prévia”. Um processo de interpretação ou aprendizagem sempre estará impregnado das impressões prévias, da cultura, da religião, e dos princípios morais e preconceitos porque o homem é junção dele mesmo com a sua vida.

Se pensarmos a educação pela experiência hermenêutica o conceito de “conhecimento” também se funda em uma posição prévia, visão prévia e concepção prévia. Com isso, o conhecimento é um exemplo de círculo hermenêutico, assim como interpretação, algo mutável de acordo com as experiências humanas.

Algumas contribuições da filosofia e da fenomenologia ao ensino de Jornalismo

Pensar o ensino de jornalismo não se limita a estudar apenas sua história e polêmicas, como as novas tecnologias e o fim da obrigatoriedade do diploma, mas entender os conceitos de conhecimento, ensino e educação através da filosofia. O próprio Husserl (2002, p. 85) já afirma “o filósofo sempre deve tentar assenhorar-se do verdadeiro e pleno sentido da filosofia, da totalidade de seus horizontes de infinitude”.

A palavra “ensino” vem do verbo “ensinar” que é uma ação, ou seja, alguém está dedicado a ensinar o outro. Para Scheffler (1974, p. 75), o ensino pretende “um certo resultado: trata-se de uma atividade orientada para uma meta”. Essa meta, para o autor, envolve atenção e esforço para realizar o aprendizado. Perceba a diferença junto aos verbos respirar, sentar e passear, que não são orientados para metas.

Segundo Broudy (1954 apud SCHEFFLER, 1974, p. 53) “ensinar significa tentar deliberadamente promover certas aprendizagens. Quando outros fatores interferem para frustrar tais aprendizagens, o ensino malogra. Às vezes, os fatores desse tipo se encontram no professor; às vezes no aluno; e por vezes, na própria atmosfera que ambos respiram; mas na medida em que houve o esforço, houve ensino”.

Pensar a formação na perspectiva husserliana é pensar como uma construção cultural. Suas contribuições aqui se assemelham a do brasileiro Paulo Freire que entende a educação como uma prática voltada à liberdade e autonomia. Sem autonomia não há ensino e nem aprendizagem, porque ela significa agir de forma responsável para a formação cultural e política da sociedade.

Com isso, o ensino não pode ser comparado a um modelo fixo, mas um projeto, algo que pode ser modificado a cada intervenção ou novo aprendizado. Todo ensino envolve comunicação, envolve um dizer, não se ensina sem que o outro entenda seja por meio da linguagem oral ou verbal.

Mas por que aproximar o ensino de jornalismo da filosofia? Por que usar a hermenêutica (fenomenológica esclarecida)? Não é possível pensar em uma aula de jornalismo, seja qual for à área (radiojornalismo, telejornalismo, impresso ou ciberjornalismo) sem pensar na formação de uma consciência histórica do aluno fora de um exercício hermenêutico de compreensão. De acordo com Heidegger (2005, p. 202), “a compreensão sempre diz respeito a toda abertura da pre-sença como ser-no-mundo”.

A sala de aula é um lugar hermenêutico da consciência histórica, afinal, não há uma aula sem que novos conhecimentos sejam adquiridos. De acordo com Heidegger o aluno é um ser reflexivo, um *ser-com*, isto é com pessoas e com coisas. Para Martins e Bicudo (1983, p. 47) “dentre os temas centrais da educação humanística ou humanizante encontra-se a pessoa, vista como um todo, o conhecimento, enquanto ato criador, a experiência vivenciada e a auto-realização”.

A filosofia da educação centrada no aluno é “uma atitude assumida para com o aluno e para com o próprio ato de educar” (Ibidem, p. 46) envolvendo níveis sensoriais, emotivos e cognitivos. O professor deve ser autêntico, aceitar e compreender o aluno, além de assumir uma filosofia de vida e de trabalho. “Seu papel revela-se então, como o de facilitador da aprendizagem” (Ibidem, p. 69).

Quanto à comunicação em si a filosofia, enquanto fenomenologia discute sobre o poder da produção de sentido dos veículos de comunicação de massa. Husserl afirma que os meios de comunicação são objeto-para-um-sujeito para a fenomenologia porque são definidos em sua interação com a consciência humana.

Heidegger (2005, p. 220) compreende a comunicação num sentido ontologicamente amplo. Segundo ele, a “comunicação nunca é a transposição de

vivências, por exemplo, de opiniões e desejos, do interior de um sujeito para o interior de outro sujeito” (Ibidem, p. 221).

Para Correia (2005, p. 15-16) “a comunicação [...] desempenha um papel estruturante nas manifestações concretas de sociabilidade”. São mediadores das subjetividades, eles mostram ou questionam determinadas tipificações presentes no mundo da vida. Por isso, a filosofia é de suma importância aos estudos da ciência da Comunicação porque ela é ética, comprometida com a verdade, ou seja, rejeita a manipulação da realidade.

O jornalismo trabalha com valores-notícia (*newsmaking*), ou seja, para determinado assunto virar notícia precisa conter critérios. Manuel Chaparro (1994) enumera: atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade e surpresa. Podemos utilizar aqui os conceitos de Heidegger de curiosidade e factualidade para os estudos da Teoria do Jornalismo. Sobre curiosidade (ou *neugier*) Heidegger (2005, p. 324) afirma: “voracidade insaciável de novidades pelo simples fato de ser diferente” e para o autor *facto*, *factual*, *factualidade* é o mesmo que *facticidade* (*faktizität*) é a característica de um fato “qualquer nível do exercício da existência” (Ibidem, p. 312).

O profissional que trabalha nessa área, o jornalista, precisa de habilidades específicas que incentivem o lado social e humanístico das pessoas para que não mostre a sociedade apenas o cruel, o insensível, o sensacionalista, mas o real, o fato em si.

Quanto à polêmica teoria *versus* prática Heidegger (2005, p. 118) entende que a prática depende da teoria, “a sua diferença para com a atitude teórica está não somente em que uma age e a outra contempla e em que, para não ficar cego, o agir faz uso de conhecimentos teóricos”.

Considerações finais

O jornalismo tem passado por transformações históricas ao longo dos anos, principalmente com a evolução da Internet e o fim da obrigatoriedade do diploma. A cada nova mudança um novo profissional é repensado e as instituições de Ensino Superior tentam se adaptar as exigências do mercado de trabalho que exige um profissional multitarefa.

Os aspectos levantados até então reforçam a noção do quanto à formação num curso superior de jornalismo é importante e precisa ser cuidadosa naquilo que se propõe a realizar, tanto na postura ética, como no compromisso com a verdade.

A filosofia da educação e a fenomenologia são campos que merecem ser aprofundados para uma melhor contribuição aos estudos das ciências da Educação, o que melhoraria o pensamento sobre o ensino de jornalismo. Há a necessidade de um repensamento crítico sobre a educação para então haver um crescimento da investigação científica do ensino.

O ensino é uma atividade que depende de fatores externos, a relação educador-educando como cita Paulo Freire, e aperfeiçoar esse modo de ensinar deveria ser uma tarefa educacional constante entre os professores. Muitos professores falam em fazer o aluno pensar criticamente, mas na verdade o correto seria fazer com que o aluno adquirisse normas de pensamento crítico.

As elaborações conceituais propostas por filósofos como Husserl, Heidegger e Paulo Freire, entre outros, abrem grandes possibilidades de entendimento da formação superior de hoje. Existe ainda todo um arsenal, uma herança educacional, a disposição de pesquisadores do ensino para ser investigado.

É preciso incentivar a filosofia e as contribuições da fenomenologia para um novo pensar do ensino de jornalismo, na esperança de um futuro de melhores avanços quanto a análise crítica sobre os problemas deste campo em todo o país. A pesquisa feita aqui serve como um ponto de partida para que professores e pesquisadores da área incentivem diálogos e debates entre instituições a fim de se pensar o ensino de jornalismo no país.

Referências

BARREIROS, Tomás Eon. **O ensino superior de Jornalismo na visão dos estudantes concluintes: pesquisa em instituições de ensino de Curitiba, Paraná.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 3, n. 12, p. 79-95, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/308/192>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis, Vozes, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire?** São Paulo: Brasiliense, 1981, 16ª ed., 1990, Coleção Primeiros Passos.

CORREIA, J. C. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Horizonte, 2005.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOLZIO, Derval G. **A formação dos jornalistas diante dos novos suportes midiáticos e do fim da obrigatoriedade do diploma**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano II, n. 02 – jul/dez/2009. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCoQfjAA&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufpb.br%2Fois%2Findex.php%2Fcm%2Farticle%2Fdownload%2F11704%2F6729&ei=y_d5U4uGLbTQsQT0_oGwDg&usg=AFQjCNHUsI4JfKxGTt3aqgAl-EUPq4ToCA&bvm=bv.66917471,d.cWc&cad=rja. Acesso em: 13 fev. 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte 1, tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 15 ed, 2005.]

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 3. ed. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 2002.

MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** Florianópolis, UFSC: 1997. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. **Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr/jul. 2007. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/106/61>>. Acesso em: 10 dez 2017.

_____. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Tomson, 2002.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta - condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger, um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2005. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=iYKBKzPMb48C&pg=PA14&lpg=PA14&dq=a+Fenomenologia+somos+eu+e+Heidegger&source=bl&ots=LSduw3YUmi&sig=BzKf04VI613FfxQLLG7tzmYNo2A&hl=pt-BR&sa=X&ei=UojaU8viOMuryASTvoGwBg&ved=0CCwQ6AEwAQ#v=onepage&q=a%20Fenomenologia%20somos%20eu%20e%20Heidegger&f=false>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

SCHEFFLER, Israel. **A linguagem da educação**; trad. De Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TUNSTALL, John. **Journalist at work**. Londres: Constable, 1971.

WEBER, Max. 'A política como vocação' in WEBER, Max. **Sociologia e política: duas vocações**. São Paulo, Cultrix, 1995.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo, Paulus, 2006.